

Quarto 311: o inferno gelado

Paulo Silas

Maria Madalena de Casario Pontes, de 57 anos, deu entrada no hospital Irmandade da Santa Casa de Limeira, interior de São Paulo, no dia 18 de março, com a pressão em 25 por 18. Quando chegou ao hospital, Madalena apertava a boca, que estava seca, e tentava fazer algum movimento. No entanto, o lado direito do corpo não obedecia a seus comandos. O desespero tomou conta do marido, João Pontes, que suspeitava de um derrame. Ao estacionar o carro na vaga da emergência do hospital, Pontes saiu correndo em busca de auxílio médico.

De branco, aparentando ter pouco mais de 30 anos, um rapaz aparece no local e se identifica como o médico de plantão. Após analisar Madalena, explica a situação a Pontes:

- Vamos interná-la, mas antes temos de esperar desocupar um leito.
- O que minha mulher tem? – perguntou o homem, angustiado.

O médico, no intuito de acalmar Pontes, diz:

- Senhor, ela teve um AVC Isquêmico, mas só sairá do hospital após estabilizarmos sua pressão arterial. O estado dela é preocupante.

- Mas o que isso quer dizer?

- Popularmente, o AVC Isquêmico é conhecido como derrame – explica o médico, que sai correndo para atender a outra emergência.

Em hospital público é assim: não existe diálogo mais aprofundado. O que os doutores de branco dizem está dito. Afinal, são centenas de pessoas à espera de atendimento. Vozes e choro de criança ecoam pelos corredores do pronto-socorro, tornando-se o som-ambiente do local.

Após doze horas sem nenhum contato com o médico de plantão, chegou a confirmação:

- Temos novidades. Ela será encaminhada para um quarto – diz uma enfermeira.

Desde então, há nove dias, Madalena continua no mesmo quarto, o de número 311, no terceiro andar. Para ela, os últimos dez dias têm sido os mais longos de sua vida. A todo instante, o olhar cansado e perdido tenta encontrar, na parede do quarto, os ponteiros do relógio, que movimentam-se vagarosamente.

Tem sido uma rotina para seus familiares pegar o crachá com o porteiro na recepção do hospital, subir a rampa ou a escada e entrar no quarto 311. Em dias movimentados, a simples tarefa de estacionar o carro é angustiante. É preciso dar várias voltas até encontrar uma vaga, mesmo que muito apertada. Só aos domingos fica mais fácil parar o carro perto do hospital.

Na manhã do último domingo, ao descer do carro, Pontes olhou atentamente para o grande número de pessoas que aguardavam para ser atendidas no pronto socorro, que fica a aproximadamente 100 metros dali. Ao contrário da entrada dos visitantes, lá não importa o dia da semana e o horário, pois a cena é sempre a mesma: pessoas desesperadas, doentes e cansadas aguardando por atendimento médico. Naquele local, não interessa a idade, o problema ou a classe social.

Ao passar pela grande porta de vidro da entrada dos visitantes, Pontes depara-se com as cadeiras vazias e com o porteiro fazendo algumas anotações no prontuário. O único barulho vinha do motor do bebedouro e da televisão ligada. Ele aproxima-se do balcão de identificação para falar com o porteiro, o senhor Gilberto.

De uniforme, exclama sorridente:

- Bom dia!

- Bom dia – responde Pontes, mas não com o mesmo entusiasmo.

- O senhor vai visitar qual quarto mesmo? – questionou Gilberto, franzindo as sobrancelhas, como se estivesse tentando lembrar da fisionomia de Pontes pelas constantes visitas que faz ao local.

- Quarto 311, de Maria Madalena.

Enquanto o porteiro percorria com os olhos a lista de internos, com o nome e o número do quarto de cada paciente, Pontes olhava à sua volta e reparava na sujeira da sala, onde podia se ver algodão usado, papéis e muita poeira. Era o ambiente perfeito para a proliferação de bactérias. Ele podia sentir a poeira penetrando em suas narinas a cada segundo.

- Aqui está o crachá, pode subir. O senhor sabe onde é, né? É no terceiro andar – informa Gilberto, interrompendo a observação de Pontes.

- Obrigado.

Logo à direita existe uma escada que leva a todos os andares do hospital. No entanto, cansado, Pontes preferiu usar a rampa. Andou poucos metros, passando pela capela do hospital, onde atentou a uma criança que estava de mãos dadas com uma mulher.

A criança morena, de cabelos cacheados, parecia tentar se concentrar no silêncio profundo do local, mas distraiu-se para observar a passagem de Pontes, abrindo um pequeno sorriso. Seus olhos verdes brilhavam ainda mais, pois estavam cheios de lágrimas, que refletiam a pouca claridade do ambiente.

O primeiro andar estava silencioso. Os únicos sons audíveis eram as risadas que vinham dos andares superiores. O posto de enfermagem, que ficava em frente à rampa, estava vazio. Talvez os funcionários estivessem atendendo a algum paciente daquele andar ou a alguma emergência.

Ele continuou subindo a rampa, avistando fezes e penas de pássaros, que entravam pelas janelas quebradas do hospital. O caminho de sujeira e descuido parecia interminável.

Passando pelo segundo pavimento, no posto de enfermagem, duas enfermeiras riam e conversavam. Geralmente, a Santa Casa trabalha com duas enfermeiras por andar, quando o ideal seriam quatro. A falta de estrutura é visível não só no atendimento aos pacientes como na manutenção do local.

Ao chegar ao terceiro andar, só havia uma enfermeira no posto de enfermagem, que fazia algumas anotações. Pontes caminhou, então, em direção ao quarto 311. Lá, deparou-se com mais uma pessoa, totalizando três internas – a capacidade total do quarto.

Caminhou até a cama da mulher, que fica encostada à janela do quarto. A janela estava enferrujada e quebrada. Ao ser aberta, foi possível observar a chuva fina que começava a cair. Os lençóis da cama estavam escuros; não havia como saber a cor original. Neles havia emblemas estampados de outros hospitais, que doaram lençóis que seriam jogados fora.

Antes mesmo de cumprimentar a mulher, Pontes observou o quarto escuro e com aspecto de abandono:

- Como você está?

- Com fome, sono, calor e sede – respondeu, com dificuldade, já que os lábios estavam pendidos para o lado direito devido ao derrame.

- Mas não deram o café da manhã ainda? – perguntou, indignado.

- Não, só para a Dona Isabel e já faz uns vinte minutos – respondeu a acompanhante da senhora que fica no leito ao lado da porta.

Dona Isabel, de 69 anos, cabelos brancos e longos, veio de Iracemápolis. O filho mais novo é drogado, e, por várias vezes, segundo ela, a agrediu em sua própria casa. A todo instante era possível perceber o olhar triste de uma vida sofrida. O motivo

da internação, segundo a acompanhante, era bronquite. *“Como é possível deixar o quarto empoeirado para receber uma pessoa com bronquite?”*, pensou Pontes.

Foi, então, que ele caminhou diretamente para o posto de enfermagem. Estava furioso porque já passava das oito horas da manhã e o café ainda não havia chegado.

- O que aconteceu que não chegou o café para a paciente do 311? – perguntou, áspero.

- Senhor, na verdade, o café da manhã acabou e pedimos para providenciar mais, pois alguns pacientes ficaram sem. Assim que chegar, levarei lá para o quarto – disse, com a simpatia de quem tenta acalmar uma pessoa nervosa.

- Mas, como assim, o café da manhã acabou? A cozinha não tem o controle de quantos pacientes têm no hospital? Não é preciso seguir a dieta? – questionou incisivamente.

- Então...Já pedimos para providenciar.

Pontes não queria acreditar no que estava ouvindo. Na hora, pensou: *“Como pode a cozinha não ter controle nenhum da comida do hospital? Os pacientes são obrigados a aguardar com fome e sede?”*

Ele se dirigiu até o quarto e comentou o assunto com a mulher, mas sem a intenção de assustá-la para que a pressão não se alterasse:

- Querida, já irão trazer o café da manhã. Houve um atraso na cozinha.

O relógio marcava nove horas e vinte minutos. Em quarenta minutos, nenhum enfermeiro havia entrado no quarto para examinar os pacientes ou perguntar se estava tudo bem. Não pela falta de capacidade técnica da equipe de enfermagem e sim da falta de pessoal. Não há funcionários suficientes para atender a todos os leitos.

Após quinze minutos de espera, o café da manhã chegou. Assim tem sido o tratamento freqüentemente dado pelo hospital a seus pacientes. Madalena é só um caso dos milhares que já tiveram de enfrentar esse inferno gelado no quarto 311.